

Obras da autora publicadas pela Editora Record:

Série Slammed

Métrica

Pausa

Essa garota

Série Hopeless

Um caso perdido

Sem esperança

Em busca de Cinderela

Série Nunca jamais

Nunca, jamais

Nunca, jamais: parte 2

Nunca, jamais: parte 3

O lado feio do amor

Talvez um dia

Novembro, 9

Confesse

É assim que acaba

Tarde demais

As mil partes do meu coração

Todas as suas (im)perfeições

Verity

Hoover, Colleen

H759t Talvez agora [recurso eletrônico] / Colleen Hoover; tradução Priscila Catão. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2020.
recurso digital

Tradução de: Maybe now

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5587-035-0 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Catão, Priscila. II. Título.

20-64598

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Leandra Felix da Cruz Candido – Bibliotecária – CRB-7/6135

Título original em inglês:

Maybe Now

Copyright © 2018 by Colleen Hoover

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se
reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-035-0

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se em www.record.com.br e receba
informações sobre nossos lançamentos e nossas
promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br



Este livro é dedicado a cada um dos CoHorts da Colleen Hoover.
Menos os assassinos. Este livro não é para aqueles dois.

Sumário

Prólogo | Maggie

1. Sydney

2. Maggie

3. Ridge

4. Sydney

5. Maggie

6. Maggie

7. Ridge

8. Maggie

9. Jake

10. Ridge

11. Maggie

12. Sydney

13. Ridge

14. Maggie

15. Sydney

16. Ridge
17. Sydney
18. Maggie
19. Ridge
20. Sydney
21. Ridge
22. Sydney
23. Maggie
24. Ridge
25. Maggie
26. Jake
27. Sydney
28. Ridge
29. Maggie
30. Sydney
31. Jake
32. Sydney
33. Ridge

Agradecimentos

Prólogo

Maggie

Pouso a caneta em cima do papel. Minha mão está tremendo demais para que eu consiga terminar de preencher, então inspiro rapidamente algumas vezes para tentar me acalmar.

Você consegue, Maggie.

Pego a caneta de novo, mas acho que minha mão está tremendo ainda mais do que antes.

— Pode deixar que te ajudo.

Ergo o olhar e vejo o instrutor sorrindo para mim. Ele agarra a caneta, pega a prancheta e então se senta na cadeira à minha direita.

— Tem muito novato que chega nervoso aqui. É mais fácil se eu preencher a papelada por você, porque provavelmente sua letra vai ficar ilegível — explica ele. — Parece até que você vai pular de um avião ou algo assim.

Relaxo na mesma hora com o sorriso preguiçoso que ele abre, mas o nervosismo volta com tudo quando lembro que sou uma péssima mentirosa. Seria muito mais fácil mentir sobre a parte médica se eu mesma preenchesse. Não sei se consigo mentir para esse cara.

— Valeu, mas eu me viro. — Tento pegar a prancheta de volta, mas ele a tira do meu alcance.

— Calma aí... — Ele olha rapidamente o meu formulário. — Maggie Carson. — Estende a mão, ainda mantendo a prancheta fora do meu alcance com a outra. — Eu sou o Jake, e se pretende saltar de um avião a três mil metros de altura sob minha supervisão, o mínimo que posso fazer é terminar de preencher a papelada para você.

Aperto sua mão, impressionada com a força do gesto. Saber que entregarei minha vida a essas mãos me deixa um pouquinho mais tranquila.

— Quantos saltos já completou como instrutor? — pergunto. Ele sorri e volta sua atenção ao formulário. Começa a folheá-lo.

— Você será o meu número quinhentos.

— Sério? Quinhentos parece um marco importante. Você não devia estar comemorando?

Seu olhar volta a encontrar o meu, e seu sorriso desaparece.

— Você perguntou quantos saltos completei. Não quero comemorar antes da hora.

Engulo em seco.

Ele ri e cutuca meu ombro.

— É brincadeira, Maggie. Relaxe. Você está em boas mãos.

Sorrio enquanto respiro fundo outra vez. Ele começa a analisar o formulário.

— Alguma condição especial? — pergunta ele, já pressionando a caneta no espaço marcado com o “não”. Não respondo. Meu silêncio faz com que ele erga os olhos e repita a pergunta. —

Alguma condição especial? Doenças recentes? Algum ex maluco com quem eu deva me preocupar?

Sorrio com a última pergunta e balanço a cabeça.

— Nenhum ex maluco. Só um muito maravilhoso.

Ele assente devagar.

— E as outras perguntas? Alguma condição especial? — Ele espera minha resposta, mas só consigo hesitar, apreensiva. Semicerra os olhos e se inclina mais um pouco na minha direção, me observando com atenção, como se estivesse tentando descobrir mais do que é preciso para responder o questionário. — É terminal?

Tento manter minha postura.

— Na verdade, não. Ainda não.

Ele se inclina ainda mais e me encara com uma expressão de total sinceridade.

— O que é então, Maggie Carson?

Nem o conheço, mas há algo tranquilizador nele que me faz querer contar a verdade. Mas não conto. Encaro minhas mãos, unidas no meu colo.

— Se eu contar, talvez você não me deixe saltar.

Ele se inclina até seu ouvido ficar perto da minha boca.

— Se você falar bem baixinho, talvez eu nem consiga ouvir — sussurra ele.

Seu hálito acaricia minha pele na altura da clavícula, e fico toda arrepiada. Ele se afasta ligeiramente e me observa enquanto espera a resposta.

— Fibrose — respondo.

Nem sei se ele sabe o que é fibrose, mas talvez, respondendo de uma maneira simples, ele não me peça para explicar.

— Como estão seus níveis de oxigênio?

Acho que ele sabe o que significa.

— Por enquanto, tudo bem.

— Tem autorização médica?

Balanço a cabeça.

— Decisão de última hora. Às vezes, sou meio impulsiva.

Ele sorri, olha para o formulário de novo e marca “não” nas condições especiais. Então olha para mim.

— Bem, você deu sorte porque, por acaso, eu sou médico. Mas, se você morrer hoje, vou dizer para todo mundo que mentiu no questionário.

Rio e concordo com a cabeça, grata por ele estar se dispondo a ignorar isso. Sei que é algo importante.

— Obrigada.

Ele olha para o questionário e pergunta:

— Por que está me agradecendo? Não fiz nada.

A negação dele me faz sorrir. Ele continua percorrendo a lista de perguntas, e respondo com sinceridade até finalmente chegarmos à última página.

— Tá bom, última pergunta — diz ele. — Por que quer saltar de paraquedas?

Eu me inclino, tentando ler o formulário.

— Tem mesmo essa pergunta?

Ele aponta para ela.

— Tem, sim. Bem aqui.

Leio a pergunta, depois respondo com franqueza.

— Acho que é porque estou morrendo. Tenho uma lista bem grande de coisas que sempre quis fazer.

Seu olhar endurece um pouco, quase como se tivesse ficado chateado com a minha resposta. Ele volta a se concentrar no formulário, então inclino a cabeça e observo por cima do seu ombro enquanto ele escreve uma resposta totalmente diferente da que dei.

Quero saltar de paraquedas para sentir ao máximo que estou viva.

Ele me entrega o formulário e a caneta.

— Assine aqui — indica ele, apontando para o final da página. Depois que assino e devolvo os papéis, ele se levanta e estende a mão para mim. — Vamos preparar os paraquedas, srta. Quinhentos.

* * *

— Você é mesmo médico? — grito mais alto que o rugido dos motores.

Estamos sentados um de frente para o outro no pequeno avião. Ele está com um sorriso imenso, com dentes tão retos e brancos que poderia apostar que, na verdade, ele é dentista.

— Cardiologista! — grita ele. Indica o interior do avião com um gesto de mão. — Faço isso aqui por diversão!

Um cardiologista que salta de paraquedas no seu tempo livre? Impressionante.

— Sua mulher não fica chateada por você passar tanto tempo ocupado? — grito.

Meu Deus. Que pergunta mais óbvia e brega. Estremeço só de pensar que perguntei isso em voz alta. Nunca fui muito boa em paquera.

Ele se inclina para a frente e grita:

— O quê?

Ele vai mesmo me obrigar a repetir?

— Perguntei se sua mulher não fica chateada por você passar tanto tempo ocupado!

Ele balança a cabeça, desafivela o equipamento de segurança e vem se sentar do meu lado.

— Está muito barulho aqui dentro! — grita ele, indicando o interior do avião com a mão. — Fale de novo!

Reviro os olhos e começo a perguntar outra vez.

— Sua... mulher... não...

Ele ri e pressiona o dedo nos meus lábios, mas muito rapidamente. Afasta a mão e se aproxima de mim. Meu coração reage mais ao seu movimento rápido do que ao fato de que estou prestes a saltar deste avião.

— Estou brincando — diz ele. — Você parecia tão constrangida por ter feito a pergunta da primeira vez que eu quis obrigar você a perguntar de novo.

Dou um tapa no braço dele.

— Babaca!

Ele ri, depois levanta, estende o braço na direção do meu equipamento de segurança e aperta o botão para soltar. Então me faz levantar.

— Está pronta?

Assinto, mas é mentira. Estou completamente apavorada, e se esse cara não fosse um médico que faz esse tipo de coisa para se divertir — e também por ele ser o maior gato — eu provavelmente estaria amarelando nesse exato momento.

Ele me vira para eu ficar com as costas contra seu peito e conecta nossos equipamentos de segurança até eu estar bem presa a ele. Estou de olhos fechados quando o sinto colocar meus óculos de proteção. Depois de vários minutos esperando-o terminar de preparar tudo, ele me faz andar até a abertura do avião e pressiona as mãos em cada lado dela. Estou literalmente encarando as nuvens abaixo de mim.

Volto a fechar os olhos com força, bem na hora que ele aproxima a boca do meu ouvido.

— Não tenho mulher, Maggie. A única coisa que amo é a minha vida.

Por incrível que pareça, me pego sorrindo em um dos momentos mais assustadores da minha vida. Seu comentário faz valer a pena as três vezes que me obrigou a repetir a pergunta. Agarro meu equipamento com mais firmeza. Ele me envolve com os braços, segura minhas mãos e as acomoda nas laterais do meu corpo.

— Mais sessenta segundos — diz ele. — Posso pedir um favor?

Faço que sim, assustada demais para discordar dele agora, quando meu destino está praticamente em suas mãos.

— Se chegarmos vivos no chão, posso convidar você para jantar? Para comemorar que é a minha quingentésima?

Rio da insinuação sexual na pergunta e olho por cima do ombro.

— E instrutores de paraquedismo podem sair com as alunas?

— Não sei — responde ele, rindo. — A maioria dos meus alunos são homens, e eu nunca tive vontade de chamar nenhum deles para sair.

Volto a olhar para a frente.

— Dou minha resposta quando a gente aterrissar em segurança.

— Justo. — Ele me faz dar um passo para a frente, entrelaça nossos dedos, e abrimos os braços. — Chegou a hora, Quinhentos. Está pronta?

Assinto, e minha pulsação acelera ainda mais. O medo que me consome provoca um aperto no peito, tenho plena consciência do que estou prestes a fazer voluntariamente. Sinto sua respiração e o vento no meu pescoço enquanto ele nos leva até a beira do avião.

— Sei que você disse que queria pular de paraquedas porque está morrendo — comenta ele, apertando minhas mãos. — Mas isso não é morrer, Maggie! Isso é viver!

E, então, ele nos impulsiona para a frente... e saltamos.

1.

Sydney

Assim que abro os olhos, rolo para o lado e encontro a outra metade da cama vazia. Pego o travesseiro em que Ridge dormiu e o puxo para perto de mim. Ainda está com o cheiro dele.

Não foi um sonho. Graças a Deus.

Ainda não consegui assimilar a noite passada. O show que ele organizou com Brennan e Warren. As músicas que escreveu para mim. A maneira como finalmente conseguimos dizer um para o outro o que a gente sentia, sem nenhuma culpa.

Talvez seja por isso que estou com essa sensação de paz — por causa da ausência de toda aquela culpa que sempre senti na presença dele. Foi difícil me apaixonar por alguém que estava comprometido com outra pessoa. Foi ainda mais difícil tentar impedir que isso acontecesse.

Levanto da cama e dou uma olhada no quarto. A camiseta de Ridge está do lado da minha no chão, então ele ainda não foi embora. Estou um pouco nervosa com a ideia de sair do meu quarto e encontrá-lo, não sei por quê. Talvez seja porque agora ele é meu namorado e tive apenas doze horas para me adaptar a tudo isso. É tão... oficial. Não faço ideia de como vai ser. De como vai ser nossa vida juntos. Mas é um nervosismo bom.

Estendo o braço, pego sua camiseta e a visto. Vou até o banheiro para escovar os dentes e lavar o rosto. Penso em ajeitar o cabelo antes de ir para a sala, mas Ridge já me viu em condições piores. A gente dividia um apartamento. Ele já me viu em condições *muito* piores.

Quando abro a porta da sala, ele está sentado à mesa com um caderno e meu notebook. Eu me encosto no batente e o observo. Não sei o que ele acha disso, mas adoro poder encará-lo descaradamente sem que ele perceba que estou na sala.

Depois de um tempo, ele passa a mão no cabelo, frustrado, e percebo pela tensão em seus ombros que ele está estressado. Deve ser coisa do trabalho.

Ridge finalmente me nota, e o fato de ele parecer relaxar depois de me ver na porta faz com que todo o meu nervosismo desapareça de uma só vez. Ele me encara por um instante, depois solta a caneta sobre o caderno. Sorrindo, afasta a cadeira para poder se levantar e, em seguida, atravessa a sala de estar. Ele me agarra e me puxa para perto, pressionando os lábios na lateral da minha cabeça.

— Bom dia — ele me cumprimenta, recuando.

Nunca vou me cansar de escutá-lo falar. Sorrio para ele e respondo na língua dos sinais.

— Bom dia.

Ele olha para as minhas mãos e, depois, para mim.

— Isso é muito sexy.

Sorrio.

— Você falando é muito sexy.

Ele me beija, se afasta e vai até a mesa. Pega o celular e me manda uma mensagem.

Ridge: Tenho muito trabalho pra fazer hoje e preciso do meu próprio notebook. Vou pra casa e deixo você livre pra se arrumar pro trabalho. Quer que eu passe aqui à noite?

Sydney: Eu passo pela sua casa no caminho de volta do trabalho.

Ridge assente e pega o caderno em que estava escrevendo. Ele fecha o meu notebook e volta para perto de mim. Abraça minha cintura e me puxa para perto, pressionando a boca na minha. Retribuo o beijo e nós dois não paramos, nem mesmo quando o escuto jogar o caderno no balcão. Ele me ergue com os braços e alguns segundos depois estamos atravessando a sala. Ele me coloca no sofá e vem para cima de mim. Tenho certeza de que vou ser demitida esta semana. É impossível dizer para ele que já estou atrasada para o trabalho quando prefiro ser demitida a parar de beijá-lo.

Estou exagerando. Não quero ser demitida. Mas esperei muito tempo por isso e não quero que ele vá embora. Começo a contar até dez, prometendo a mim mesma que vou parar de beijá-lo e me arrumar para o trabalho quando terminar a contagem. Mas é só no vinte e cinco que finalmente pressiono seu peito.

Ele se afasta, sorrindo para mim.

— Eu sei — diz ele. — Trabalho.

Assinto e tento traduzir o que estou dizendo em sinais. Sei que não está totalmente certo, mas soletro as palavras que ainda não sei.

— Devia ter deixado para me conquistar no fim de semana, e não em dia útil.

Ridge sorri.

— Não consegui esperar tanto.

Ele beija meu pescoço e começa a se afastar para eu poder levantar, mas então para e fica me olhando com carinho por um instante.

— Syd — chama ele. — Você... está sentindo...

Ele para e pega o celular. Ainda temos uma grande barreira na nossa comunicação; ele ainda não se sente totalmente à vontade para falar certas coisas em voz alta, e eu não aprendi o suficiente da língua de sinais para que a gente possa ter uma conversa inteira em um ritmo decente. Até melhorarmos nisso, nosso meio de comunicação principal serão as mensagens. Fico observando enquanto ele escreve uma; meu celular apita.

Ridge: Como está se sentindo agora que finalmente estamos juntos?

Sydney: Incrível. E você?

Ridge: Incrível. E... livre? É essa palavra que estou procurando?

Ainda estou lendo e relendo sua mensagem quando ele volta a digitar. Ridge balança a cabeça, como se não quisesse que eu interpretasse errado a última mensagem.

Ridge: Não quis dizer livre no sentido de que a gente não era livre antes de ficarmos juntos ontem à noite. Ou que eu me sentia preso quando estava com Maggie. É só que...

Ele para por um instante, mas respondo antes que termine porque tenho quase certeza de que sei o que ele está tentando dizer.

Sydney: Você tem vivido pelos outros desde que era criança. E escolher ficar comigo foi um tipo de decisão egoísta. Você nunca faz as coisas

pensando em si mesmo. Às vezes, se colocar em primeiro lugar pode ser libertador.

Ele lê minha mensagem, e quando seus olhos se viram rapidamente para os meus, percebo que acertei.

Ridge: Exatamente. Ficar com você foi a primeira decisão que tomei simplesmente porque eu queria. Não sei, acho que eu pensava que não era certo me sentir tão bem assim com tudo isso. Mas me sinto bem. É uma sensação boa.

Embora ele esteja dizendo tudo isso como se estivesse aliviado por finalmente ter tomado uma decisão egoísta, ainda vejo seu cenho franzido, como se seus sentimentos também estivessem acompanhados de culpa. Levo a mão à sua testa e massajeio para desfazer a tensão, depois afago sua bochecha.

— Não se sinta culpado. Todos querem que você seja feliz, Ridge. Especialmente Maggie.

Ele assente sutilmente e beija a palma da minha mão.

— Eu te amo.

Ele disse essas palavras várias vezes à noite, mas escutar isso agora de manhã é como se ele estivesse dizendo pela primeira vez. Sorrio e afasto a mão para poder responder na língua de sinais:

— Também te amo.

É tudo muito surreal — ele realmente estar aqui comigo depois de tantos meses desejando que as coisas fossem assim. E ele tem razão. Era muito sufocante ficar longe dele, e é libertador agora que está aqui. E sei que ele não está dizendo isso por achar que não queria estar com Maggie. Ele a amava. Ele a *ama*. O que está sentindo é por ter passado a vida inteira decidindo em função dos outros, e não de si mesmo. E não acho que ele se arrependa.

Ele é assim, só isso. E embora eu tenha sido uma decisão egoísta que ele finalmente tomou pensando em si mesmo, sei que continua sendo a mesma pessoa altruísta de sempre, então é claro que ainda vai sentir algum resquício de culpa. No entanto, precisamos nos colocar em primeiro lugar de vez em quando. Se uma pessoa não consegue viver sua vida do melhor jeito possível para si mesma, é impossível ela dar o seu melhor para os outros.

— No que está pensando? — pergunta ele, afastando meu cabelo.

Balanço a cabeça.

— Nada. É que...

Não sei traduzir em sinais o que quero dizer, então pego meu celular de novo.

Sydney: Isso tudo me parece tão surreal. Ainda estou tentando assimilar. O que aconteceu na noite passada foi totalmente inesperado. Eu estava começando a acreditar que você tinha decidido que a gente não poderia ficar junto.

Ridge olha para mim na mesma hora e dá uma risadinha, como se minha mensagem tivesse sido completamente absurda. Depois, ele se inclina para a frente e me dá um beijo bem suave e carinhoso antes de responder.

Ridge: Faz três meses que não durmo. Warren precisava me obrigar a comer porque eu estava ansioso o tempo inteiro. Pensei em você em todos os minutos de todos os dias, mas fiquei longe porque você disse que a gente precisava de um tempo separado. E isso acabou comigo, mas eu sabia que você tinha razão. Como a gente não podia ficar junto, me obriguei a escrever músicas sobre você.

Sydney: Tem alguma música que eu ainda não escutei?

Ridge: Toquei todas as minhas músicas novas ontem. Mas estou trabalhando em outra. Eu estava meio travado porque a letra não me parecia muito boa. Mas na noite passada, depois que você dormiu, as palavras começaram a jorrar como água. Escrevi tudo e enviei para Brennan assim que passei para o papel.

Ele escreveu uma música inteira depois que eu dormi? Semicerrou os olhos e respondo.

Sydney: Você descansou um pouco, pelo menos?

Ele dá de ombros.

— Mais tarde eu cochilo — diz ele, roçando o dedo no meu lábio inferior. — Fique de olho no seu e-mail — avisa enquanto se aproxima para me beijar de novo.

Adoro quando Brennan faz uma primeira versão das músicas que Ridge escreve. Acho que nunca vou me cansar de namorar um músico.

Ridge levanta do sofá e me levanta.

— Vou embora para você poder se arrumar.

Concordo e dou um beijo de despedida nele; tento voltar para o meu quarto, mas ele não solta minha mão. Quando me viro, ele me encara com expectativa.

— O que foi?

Ele aponta para a camiseta que estou usando. A camiseta *dele*.

— Vou precisar disso.

Olho para a camiseta e rio. Tiro-a — lentamente — e a entrego para ele. Ridge fica me analisando dos pés à cabeça enquanto pega a camiseta e a veste.

— Que horas você vai chegar lá em casa mesmo?